

Macbeth de Orson Welles

*Paulo Cesar Junqueira**

Quando eu era pequeno, quando tinha mais ou menos uns treze anos de idade, vi por uma porta entreaberta uma pequena cena, rápida em sua banalidade, mas que me marcou deveras. Estavam no corredor do apartamento em que morávamos meu pai, minha mãe e meu irmão. Eu também estava ali por perto, podia vê-los e escutá-los, mas eles não me viam. Vamos direto à cena: meu pai, com as duas mãos espalmadas segurava o rosto de meu irmão, dois anos mais novo do que eu e, olhando-o embevecido, vira-se para minha mãe e diz satisfeito: “– Este é o filho mais bonito que nós temos”. Eu escutei perfeitamente bem: “– Este é o filho mais bonito que nós temos”. O meu irmão mais novo! Aquele que veio depois de mim, substituiu-me no posto de mais novo e ainda me fez o favor de vir mais bonito do que eu. “– O filho mais bonito que nós temos”, foi o que ele disse, meu pai.

A partir daí, eu tinha dois caminhos a seguir: tornar-me um *Macbeth!* Ou vir a ser psicanalista.

Com aquela cara que vocês viram de Orson Welles de olhos estatelados, cambaleante, como que meio bêbado, fui andando para o meu quarto, deitei-me na cama e, parvo, invoquei as bruxas. O céu tornou-se escuro, de chumbo, soturno; raios iluminaram as janelas, a trovoada ensurdeceu a cidade, árvores foram arrancadas, o ar pesado em torvelinhos arrastou todos os móveis, projetando-os para longe, os canos explodiram nas paredes e eles foram arrastados numa enxurrada de lama, cobras, sapos e detritos, que voavam por todos os lados, arrancando cabeças, fazendo a terra se abrir e engolir toda aquela massa cinzenta de misturas ferventes de fel e ódio. Pai, mãe e irmão. Não era eu o

* Psicanalista, membro efetivo e supervisor da Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro – SPCRJ.

escolhido, não era eu o herdeiro! Eu, que tudo fiz; eu, que tantas vezes me curvei; eu, que fingi que vassalava; eu que honrei, que fiz todas as reverências, que fui à guerra; não era eu o preferido, o mais bonito. O diabo, agora, era meu parceiro! A vingança a minha irmã e o assassinio a minha meta. Tendo assim conhecido as profundezas do inferno, e diante da visão de minhas próprias entranhas, que se contorciam à frente de meus olhos bem cerrados, tomei num átimo minha decisão: Serei psicanalista!

Certamente, devido a séculos de separação entre ele mesmo e o advento freudiano, esta não foi uma possibilidade para Macbeth, o original, o arquetípico, aquele que, assim como Édipo, viveu nas trevas das suas emoções, no anseio de suas frustrações, na imediatez da passagem ao ato, na carne viva do ódio, do despeito, dos ciúmes. Se Édipo encarna o ódio ao pai, rival no amor da mãe, o que o leva ao mesmo assassinato, Macbeth mata por ressentimento, por não ter sido amado o suficiente, por não ter sido o escolhido. Sua questão não passa por uma mãe geradora de desejos lascivos e possessivos, tal como em Hamlet, mas por um pai que se o tivesse reconhecido, devidamente, teria lhe transmitido aquilo que traria a força, a segurança e com elas a acalmia da certeza da valoração, a alegria da autoestima, da trégua, da fraternidade e do companheirismo.

Antes de assistir a este filme de Orson Welles, adquirei uma edição da peça de Shakespeare com tradução de Beatriz Viégas-Faria. Só depois desta leitura, vi o filme e vi também outras versões para o cinema, sendo uma dirigida por Romain Polansky e outra por Justin Kurzel, esta com Michael Fassbender e Marion Cotillard nos papéis principais. Cada um destes diretores faz recortes muito diferentes da peça de Shakespeare, acrescenta cenas, tira outras, cria personagens, realça um aspecto, enquanto outro privilegia questões não enfatizadas por seus colegas. O texto teatral também sofreu, ao longo dos anos, muitos acréscimos e alterações e há dele algumas versões diferentes. Portanto, meus comentários não se basearão, exclusivamente, no filme de Welles, mas igualmente em outras informações a que tive acesso. Acho que a ideia deste encontro é discutir Shakespeare, a partir de um ponto de vista psicanalítico que é o nosso campo e não, exatamente, fazer uma crítica de cinema, de um filme específico, atividade para a qual não tenho especialização. Pensando nisso, escolhi uma leitura, uma proposta de entendimento, colocando de saída que esta é apenas uma proposta que, de forma nenhuma, esgota a riqueza de possibilidades que as peças de Shakespeare propõem.

Senão, vejamos: vamos à história.

Tudo começa com as bruxas. Mas elas estão ali para prenunciar que algo grandioso vai acontecer: o caldeirão das emoções humanas vai ferver. Macbe-

th, o maior dos generais, barão de Glamis, vem de grandes batalhas, de grandes vitórias. Macbeth salvou o reino de seus inimigos, dos invasores. Sua fama corre o país e chega aos ouvidos do rei Duncan. O reino só continua a existir como reino e o rei só ainda se senta em seu trono porque Macbeth lutou por ele; lutou e venceu arriscando tudo, seu corpo, sua alma, sua vida. Todo o reino só sobrevive por causa de Macbeth. O reino é devido a Macbeth. Literalmente, o reino, o seu “ainda existir”, é por causa de Macbeth e devido a Macbeth. É nisto que ele próprio estava pensando, inconscientemente, é claro, quando encontra as bruxas. “Este reino me é devido”. O que poderia, num esforço a mais, levar a um passo a mais: “O rei deveria ser eu”. Ou, pelo menos, o próximo rei. As bruxas leem seus pensamentos mais recônditos e o saúdam: “– Salve, barão de Glamis”, o que ele já era; “– Salve barão de Cawdor”, o que ele ainda não era; “– Salve aquele que um dia será rei”, o que ele achava que seria bem merecido! O próprio rei Duncan, desde o começo da peça, diz que não tem como pagar, como retribuir os feitos de Macbeth que lhe garantiram a permanência no trono e a posse do reino. Welles não enfatiza este ponto, embora o texto teatral e outros diretores o façam. Ora, se ele não tem como pagar é porque ninguém assoprou em seus ouvidos reais: “– Vossa majestade tem o próprio reino com que pagar-lhe”. Isso era uma ideiazinha lá atrás, nos pensamentos reais: “– Eu lhe devo o reino; se não fosse por ele não haveria nem mais reino”. Macbeth, também pensava assim. Mas como resolver esta situação? Como ser rei, quando já havia um rei? Quem sabe se, para que esta nebulosa fantasia ficasse mais clara, para que viesse à tona lá do fundo do caldeirão e se manifestasse a céu aberto, quem sabe não seria necessária uma ajudazinha do além, daqueles ou daquelas que são as especialistas em puxar o que está nas trevas, no obscuro, nas profundezas dos caldeirões? “– Salve barão de Cawdor”, dizem as bruxas. Simples, aí está a solução! Dizem elas assim, porque o próprio Macbeth sabe que barão de Cawdor é o título usado pelo primeiro na linha de sucessão ao trono, depois dos filhos do rei. Aquele que sucede o rei, no caso dele não ter filhos, ou, no impedimento destes, é o Barão de Cawdor. Por isso as bruxas dizem “– Salve barão de Cawdor!”. É um meio caminho andado em direção ao trono. O rei também pensando em como fazer para recompensar e, principalmente, acalmar as prováveis ambições de Macbeth, chega a uma mesma ideia: dar-lhe o título de barão de Cawdor, aquele que talvez vá ser rei, aquele passível de ser rei como uma segunda ou terceira escolha. As bruxas não adivinharam o futuro, elas vislumbraram os desejos presentes, perceberam-nos, deram voz aos pensamentos inconscientes, ao que estava recalcado. Aliás, perceberam o justo. Quem deveria ser rei é quem o merecesse, quem fizesse por onde

e não o mais bonito, o filho preferido. O rei também deveria saber disso. Por isso tudo, assim que as bruxas somem, chegam os mensageiros dizendo que Macbeth tinha sido nomeado Barão de Cawdor. Elementar, meu caro Watson! Uma espécie de prêmio de consolação, de um cala a boca, um reconhecimento “quase”. Uma política do *‘toma lá, dá cá’* para acalmar os ânimos.

Na sequência, quando Macbeth, finalmente, encontra-se com o rei, este lhe repete que sua dívida para com ele é enorme e fica o próprio Duncan dando demonstrações de um pouco de ciúmes da glória do outro, talvez para aumentá-la e convencer a Macbeth de que aquilo – a sua gratidão e o título de Cawdor –, já seriam mais que suficientes como recompensas. Mas, ainda assim, diz que não tem como pagá-lo, revelando sua ambiguidade. Cumprimenta-o, de qualquer modo, pela grande honra de se tornar barão de Cawdor. Imediatamente, na mesma cena, o rei, tomando as faces de Malcolm, seu filho, com suas duas mãos espalmadas, nomeia-o príncipe de Cumberland, título usado por aquele que herdará o trono, tal como é o príncipe de Gales na Inglaterra – o herdeiro do trono. Deixa assim as coisas bem claras. Honras para Macbeth, mas o escolhido para ser rei é o outro! No filme de Justin Kurzel, e na peça também, esta é uma cena importantíssima e, para mim, muito esclarecedora. Orson Welles passa de raspão.

Pronto, aí está! Apesar de tudo, de toda dedicação, apesar de se dispor a dar sua vida pelo outro, da servidão voluntária exercida com toda alegria e coragem, na certeza de que o amor do “pai” em retribuição lhe seria oferecido, decepção das decepções! Por um não sei o quê, por uma questão de sangue, de filiação, de beleza talvez, o escolhido como continuador é o outro. Macbeth, embora primo do rei, sente-se filho, ou pelo menos assim, gostaria de ser visto, tal como Lady Macbeth reconhece no rei a figura de seu próprio pai. Todos são filhos do rei, mas há os preferidos, os mais bonitos. Na Roma antiga não era o sangue que determinava a paternidade e a filiação, mas a escolha. Aquele que o imperador escolhia para sucedê-lo era considerado filho. Mas Duncan escolhe Malcolm e assina, assim, sua sentença de morte. Na peça e em algumas versões cinematográficas é nesta hora em que Duncan coloca seu filho Malcolm como seu legítimo herdeiro que Macbeth se decide por levar adiante o plano de assassinato e, louco de ódio, faz a sua escolha. Ele não perdoa. Nada compensa essa desfeita, nada cura a sua ferida. Por isso o rei deve morrer. Ele, Macbeth, será rei à força, por sua própria conta, mas nunca será o escolhido do pai. Macbeth não trata exatamente da ambição, da sede de poder ilimitado como se costuma dizer; mas trata da ferida narcísica de não se sentir suficientemente amado pelo pai, de ser preterido e das terríveis consequências que esta

situação pode gerar: “Se ele não me ama o suficiente, se não me fez rei, tomo seu lugar à força e faço-me rei eu mesmo. Passemos à ação!”

E agora temos Banquo, aquele que disseram as bruxas será pai de uma sucessão de reis. E Macbeth é estéril, não tem filhos dele mesmo, embora Lady Macbeth diga que já amamentou no peito, teve os filhos dela de um casamento anterior. Pais e filhos juntos e que se amam, aquilo que ele mesmo não pode ter, devem ser destruídos, “esses dois que se amam e me deixam de fora”. Macbeth manda matar Banquo e Fleance, pai e filho. Acusa, também, os filhos do rei Duncan de tramarem a sua morte, o que significaria a morte do amor entre eles, pai e filhos. Macbeth não mata apenas o sono, mata o amor. Pela mesma razão, manda matar todos os filhos de Macduff, esses pais e filhos que se amam e se entendem e se protegem; devem todos morrer! Por que Macbeth teme tanto Banquo? Uma das razões, certamente, mais objetiva e menos psicológica, é porque Banquo ouviu das bruxas que Macbeth seria rei e sabe que ele poderia resolver encurtar o caminho, então Banquo traz uma inquietude sendo alguém que poderia denunciar o crime. Mas, a razão mais recôndita é que Banquo vai gerar reis, dito pelas bruxas, e sendo assim, Macbeth teria se desgastado em benefício de várias gerações do outro. Mas, há um detalhe aí: acho que o que mais incomoda é que se ele, Macbeth, não será sucedido por seus filhos – que, aliás, não os tem –, é como se a sua passagem pelo trono não fosse legitimada, não fosse reconhecida, vai ser desfeita, interrompida em uma geração, para que se entregue a coroa a outra descendência. É como se o pai, o rei Duncan, mesmo morto corrigisse a história, retirasse de Macbeth aquilo que ele não ganhou, mas pegou à força. O rei não valida Macbeth, não o escolhe, não o ama suficiente, ou pelo menos não lhe dá a posição de o mais amado, o escolhido. Ser o pai de reis seria a confirmação de que o trono era seu lugar de direito, ao passo que, sem uma linhagem, ele ficaria apenas como forasteiro eventual que se imiscuiu na linha de afetividade alheia. Mas, podemos pensar um pouco mais sobre Banquo, aquele que vai gerar uma sucessão de reis. Poderíamos nos perguntar do porquê dessa profecia das bruxas, se haveria alguma razão para tal. Poderíamos, então, num esforço a mais, tentar aplicar a Banquo, à questão Banquo, o mesmo raciocínio que construímos para Macbeth. Banquo, se não era o primeiro general, o grande herói, era, pelo que sabemos da peça, o segundo. Isto é, ele também defendeu heroicamente o rei e o reino, e, certamente, esperava uma grande recompensa. Sim, talvez coubesse a ele também uma grande recompensa! Quando encontram as bruxas, logo depois que elas saúdam Macbeth como aquele que será rei, Banquo as argui, inquire-as com determinação, quer também saber o que lhe é reservado pelo

destino, que parece lhe dever algo também. Banquo poderia pensar como Macbeth, que o reino só continua a existir por causa dele, Macbeth, e que, assim sendo, bem que ele, Macbeth, merece ser o próximo rei e suceder a Duncan. Mas Banquo, também credor do destino, pode intuir que Macbeth é estéril, dado já estar casado há algum tempo e, embora Lady Macbeth tenha seu filho, eles dois, o casal até o momento não gerou filho nenhum que fosse herdeiro de Macbeth. “Bem”, pode ter pensado Banquo, “o certo seria Macbeth ser o próximo rei, mas como ele não pode ter filhos, e como somos contemporâneos e, dificilmente, dará tempo para eu mesmo sucedê-lo como rei, quem sabe meus filhos possam?” Seria um acordo inconsciente entre eles, um pensando o que o outro está pensando, e os dois sozinhos, matutando, ruminando em silêncio, naquela cavalgada lenta de fim de guerra, de repente encontram as bruxas, aquelas especialistas em fazer vir à tona pensamentos recônditos. Macbeth será rei, e você, Banquo, “menos feliz, mas muito mais feliz, menos afortunado, mas muito mais afortunado, será pai de uma geração de reis”. Deus escreve certo por linhas tortas e há muito mais mistério entre o céu e a terra do que sonha a nossa vã filosofia. Mas, como já vimos, Macbeth não queria só ser rei. Como todo herói trágico, ao tentar evitar o destino, ele o precipita. Este acordo não bastava a ele. Ele queria mais e queria do passado algo que o futuro não pudesse desdizer. Muitos comentadores desta peça se perguntam do porquê da transformação de Macbeth, de um grande e leal general e barão do rei, em um tirano sanguinário, cada vez mais violento. Mas nós já sabemos por quê: uma coroa usurpada não cura a alma.

Outra interrogação se refere à transformação de Lady Macbeth, que no começo da peça é a grande instigadora do crime, a que não recua, a que obriga o marido a cumprir o combinado; ela, que pede aos infernos que a preencham com toda maldade possível para não permitir que o marido titubeie, no final está culpada, tentando lavar as mãos, temerosa pelo crime que cometeram. Por que Lady Macbeth se transforma assim?

Freud, em seu artigo “Os arruinados pelo êxito”, chega a dizer que é impossível saber a razão da transformação de Lady Macbeth; mas nós, humildemente, sem desafiar o pai da psicanálise, sem querer usurpar o seu devido e soberano lugar, poderíamos arriscar um palpite, pequeno que seja: Lady Macbeth se transforma porque o crime não valeu à pena, isto é, ela não recebeu o que achou que iria receber. Está certo, ela se tornou rainha da Escócia, mas era isso mesmo o que ela mais desejava? Acho que não. O que ela mais desejava era que Macbeth a amasse, o que ele já fazia, mas ela desejava que ele a amasse acima de tudo e de todos e isso ela não conseguiu, porque Mac-

beth, apesar de rei, consome-se em dúvidas, em medos, em questões, desconfianças e inseguranças. Ele é rei, mas não autorizado pelo pai e isso destrói o desfrute, o gozo da posição; ela é usurpada. Aliás, eles dizem isso, literalmente, que não estão usufruindo de nada, nem do banquete, nem do trono, da subserviência dos vassallos, eles não podem usufruir de nada. Ganham um reino, um trono, mas não ganharam a escolha do pai. Lady Macbeth ganhou sua coroa, mas perdeu o companheiro. Não há como gozar das benesses da posição, quando o marido enlouquece pela mágoa, pelo ódio e pelo ressentimento. Se não vêm as vantagens pelo ato cometido, ele não valeu à pena, e é melhor nos livrarmos dele, lavarmos as mãos ensanguentadas, mas o que está feito está feito, não há como voltar atrás. Lady Macbeth, muitas vezes, pergunta ao marido se ele não é homem; diz que está a se comportar como uma mocinha cheia de medos, e, um pouco antes do assassinato, quando ele desiste de fazê-lo, ela grita dizendo que se não o fizer, se for fraco, ela duvidará do seu amor por ela, do amor dele como homem. Ele mata, mas continua ligado ao rei-pai, incomodado com o fato de ser rei, não por escolha, mas pela força. Ele continua preso em sua demanda de amor ao “pai”, e não transfere esse amor à mulher, ele ainda não resolveu essa questão para se liberar para o amor à mulher e é isso que enlouquece Lady Macbeth. Eles não resolveram o seu Édipo. Se não se ganha nada com o crime, ele não valeu à pena e é melhor desfazer algo que não rendeu. Mas, nem todo perfume das Arábias conseguem tirar o odor de sangue daquelas mãozinhas. Mata-se, concretamente, no palco da tragédia aquilo que se mata, simbolicamente, na plateia da vida cotidiana. Porém, o que está feito está feito.

Aliás, para manter o que está feito, para se ter a ilusão preservada e achar que a coroa representa alguma coisa, simboliza algo, simboliza a transmissão paterna, é preciso reafirmá-la, mantê-la. Mas, como ilegítima, ela está sempre a balançar, a vacilar e é então preciso assegurá-la com os mesmos atos que a proporcionaram: sangue chama sangue e é preciso matar todos aqueles que questionem aquilo sobre o quê o próprio tem tantas dúvidas. Tentar matar as dúvidas, os incômodos. Mas, eles não morrem jamais, e é preciso matar e matar, e matar mais. Porém, nesses tempos odiosos, os mortos se levantam de seus túmulos e as cobras revivem mesmo que despedaçadas. Macbeth se mantém no despeito raivoso, na negação, na impossibilidade de elaboração de sua questão paterna.

Outros mistérios nos propõe ainda, o bardo. Por que só um homem não nascido de mulher pode vencer Macbeth? “– Cuidado com Macduff”, dizem as bruxas. E por que ele não será vencido enquanto o Bosque de Birnam não

chegar às montanhas de Dunsinane? O que significa isso? Esses dois fatos nos fazem também pensar em algo que atravessa a peça e o filme enfatiza: as promessas vindas do inferno, aquelas que despertam a cobiça, que atiçam o desejo. Pode-se confiar nelas, vindas dessa fonte que nos promete todos os gozos? São frases dúbias, mesmo que sedutoras, ou, por isso mesmo, sedutoras. Dizem meias verdades ou usam meias palavras, cujo verdadeiro significado não é revelado de imediato, levando o consulente a ser enganado pelas próprias vaidades, pela ânsia, sem ver o preço a pagar, ou sem ver que o prometido era apenas uma lição, uma tentação a qual não se deve se deixar levar, em relação à qual a recusa traria muito mais benefícios do que a sua aceitação. A recusa da oferta dos infernos seria o começo de uma elaboração da economia afetiva! A assunção da castração.

E o que dizer sobre a profecia de que ele só seria morto por um homem não nascido de mulher, o que o deixou bem tranquilo, porque pensou que todo homem é nascido de mulher. A explicação é que Macduff havia nascido por cesariana, pela barriga aberta da mãe. Muito possivelmente ela, no auge da gravidez, teria morrido, e, assim, morta não seria mais uma mulher, mas de qualquer forma salvaram o filho por cesárea. Ou, mesmo que a mãe estivesse viva, acho difícil que sobrevivesse à cirurgia no ano mil e poucos, quando não havia assepsia, antibióticos, etc. Seria isso: Macduff nasceu por cesariana de uma mulher morta, ou que morreu de parto. Mas, por que só ele, nascido desta forma, tem a capacidade de vencer Macbeth? A ideia que me vem é que se a mãe morre no seu nascimento, Macduff não teria irmãos, ou pelo menos não teria irmãos mais novos, pelo menos por parte de mãe e, nessa época, vale o dito: *"Mater semper certa est, pater semper incertus est"*. Será que isso lhe daria alguma condição especial? Ser aquele que nunca seria substituído por um irmão mais novo e, desta forma, estar livre das emoções pelas quais passou Macbeth? Será que sua inocência e ausência de ciúmes o colocariam em posição de estancar as atitudes violentas daquele que, tomado por esses sentimentos, só pensa em vingança e destruição? Caberia a ele, o filho mais novo, a revanche em relação ao irmão mais velho, cheio de ódio? Ou tudo seria apenas um engodo das bruxas que falam por vias tortas para engabelar os vaidosos que se acreditariam acima de todas as ameaças e, desta forma, dispostos a satisfazer todos os seus desejos?

E o Bosque de Birnam, que sobe a montanha do Castelo de Dunsinane? Mais um engodo das bruxas, ou tem alguma significação? Deixo em aberto para vocês esta questão, já que há tantos mais mistérios entre o céu e a terra do que alcançam as nossas teorias e nos provoca o bardo de Stratford-upon-Avon.

Para finalizar, quero dizer que pouco antes de falecer, meu pai nomeou-me seu inventariante, entregou-me todos seus cartões de crédito e confidenciou-me os segredos de seus cofres. Nem príncipe de Cumberland, o preferido, nem Barão de Cawdor, prêmio de consolação, mas acredito que, com a ajuda do velho Freud e algumas de suas bruxas e bruxos, achei um lugar mais confortável para mim e escapei de um destino Macbeth.

Agosto/2016

Paulo Cesar Junqueira
paulocnjunqueira@globo.com
Rio de Janeiro - RJ - Brasil

Referências

SHAKESPEARE, William (1564-1616). *Macbeth*. Tradução Beatriz Viégas-Faria. Porto Alegre: L&PM, 2015. Filme.

FREUD, Sigmund [1917(1915)]. *Sobre a transitoriedade. Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho psicanalítico: os arruinados pelo êxito*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. p. 357-374. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).